

A MISSÃO DOS CRISTÃOS LEIGOS E LEIGAS: DO CONCÍLIO VATICANO II AO PAPA FRANCISCO

DA SILVA, Fernandes BARNABÉ (RU 1774759)¹

DA SILVA, Fátima A. Benevides Santos (RU 2321737)

RESUMO

A missão é entendida como sair de si para levar aos outros uma novidade transformadora. Desde Abraão Deus chamou os seres humanos a sair de sua terra para ir onde Ele irá indicar. Através dos anos a Igreja se voltou para a evangelização feita de forma a alcançar os mais longínquos cantos, buscando o encontro, o diálogo e acolhimento aos mais frágeis e excluídos. A natureza da missão é antes de tudo conhecer, respeitar e se integrar a diferentes tipos de culturas para assim conseguir levar de forma correta o Evangelho a determinada “tribo”. Com a mudança dos tempos, é preciso que a forma de evangelizar também seja modificada, sem comprometer a sua essência. Desde o Concílio Vaticano II (1962-1965) até os dias atuais a Igreja preconiza que os cristãos leigos possuem papel fundamental nessa maneira de evangelizar, pois cada um na sua realidade de vida pode ser testemunho vivo do Evangelho. O ardor missionário é o combustível que move toda a Igreja para em saída buscar aqueles irmãos que estão nas periferias existenciais. A preocupação com os nossos interesses, nos distancia do outro, conseqüentemente não ouvimos a voz de Deus, quando somos chamados a ser peregrinos, devemos buscar os mais necessitados, exercendo as diversas tarefas; de ensino, administração, atividades paroquiais e outros. É preciso fazer com que todas as estruturas da Igreja se tornem mais missionárias, pois fomos enviados, juntos com os apóstolos, aos caminhos da missão por todas as terras.

Palavras-chave: Missão. Igreja. Vaticano II. Leigo.

1. INTRODUÇÃO

Todo cristão batizado é chamado a ser um comunicador da Boa Nova de Jesus Cristo. O ardor missionário introduzido pelo Espírito Santo em nossos corações deve ser o combustível que nos anima a levar a diante a ordem que o Senhor nos deu: “Ide por todo mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15).

A Missão é entendida como convite no Antigo Testamento, no Novo essa ideia é vista como envio. O modo antigo da missão era simplesmente colocar o foco mais para fora – batismo do outro, bem-estar do outro, conversão do outro, enfim, melhorar o contexto da missão. Na atitude de preocupação, o foco não é o ser que está bem

¹ Alunos do curso de Bacharelado em Teologia: Doutrina Católica do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo entregue como Trabalho de Conclusão de Curso.

consigo mesmo, mas aquele que não está bem e pede ajuda consciente ou inconscientemente.

A Páscoa e o Pentecostes mudaram o rumo da missão, a Igreja “nasceu em saída”, orientada pelo Espírito, entrou em contato com os outros. “A Igreja peregrina é missionária por natureza, porque tem sua origem na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio do Pai” (AG n. 2).

Nos dias de hoje os desafios missionários são muitos, faz-se necessário usar toda a criatividade e tecnologia que dispomos para que se possa levar a todos os cantos da terra a alegria de ser cristão em um mundo cada vez mais dividido.

O Decreto *Ad Gentes* enfatiza a missão do Pai, do Filho e do Espírito Santo, onde o próprio Cristo enviado a evangelizar os pobres.

Na Conferência de Aparecida (2007), com presença do Papa Bento XVI na abertura, os bispos da América Latina e do Caribe, iniciaram uma nova etapa pastoral nas atuais circunstâncias históricas, marcadas por forte ardor apostólico e um maior compromisso missionário.

Na Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (2013), Francisco quer uma Igreja missionária ser capaz de chegar a todos, sobretudo, aos pobres e esquecidos, é preciso que haja uma reforma de suas estruturas. O critério específico para a reforma das estruturas da Igreja é a missão e não a sofisticação administrativa. Para o Papa, a “mudança das estruturas” (das caducas para as novas) não é “fruto de um estudo de organização do sistema funcional eclesiástico” (EG n. 25). O que derruba as estruturas caducas, o que leva a mudar os corações dos cristãos é justamente a missionariedade (EG n. 28). O Papa Francisco, na Jornada Mundial da Juventude (2013), fala para os Bispos da urgente necessidade de uma Igreja-mãe.

A compreensão do anúncio pressupõe duas vertentes: a primeira tem por alvo o povo eleito – os cristãos -, aqueles que aderiram à fé na pessoa de Jesus; a segunda é direcionada aos povos pagãos, principalmente os que não conhecem a Jesus e seu Evangelho. Para este anúncio faz-se necessário o protagonismo de cada cristão, sobretudo dos leigos e leigas.

2. A MISSÃO DOS CRISTÃOS LEIGOS E LEIGAS: DO CONCÍLIO VATICANO II AO PAPA FRANCISCO

FUNDAMENTOS BÍBLICOS DA MISSÃO

No Antigo Testamento é entendida como convite, pois a comunidade estava se formando com base na experiência do Monte Sião, e todos os povos convidados a fazer essa experiência. No Novo Testamento essa ideia passa pela mudança; a missão é vista como envio, levando em conta que os apóstolos partiram para terras diferentes depois da experiência de Pentecostes para pregar a boa nova a todos os povos, com a atitude de superioridade. As raízes bíblicas da missão podem ser encontradas na compreensão da Igreja de que ela é legítima herdeira das promessas de Israel.

Para entendermos melhor a missão como convite e como envio, usando dois textos que podem ampliar a nossa visão.

No primeiro texto, em Gênesis:

“Era muito bom. E Deus viu tudo o que havia feito, e tudo era muito bom. Houve uma tarde e uma manhã: foi o sexto dia. E Deus abençoou o sétimo dia e o santificou porque nele descansou de toda a sua obra.”. (Gn 1,31-2,3).

Apresenta uma ideia de que toda a criação realizada por Deus é uma obra perfeita, que Ele mesmo achou muito boa. Essa atitude de Deus denominamos **apreciação**, pois Ele próprio participa nessa atitude. Na apreciação, o foco é: “o ser é”; reconhecer o bem e se alegrar com ele, ou acolher o amado; é estar contente naquilo que somos e por aquilo que fazemos.

Sendo assim, devemos entender que qualquer saída ou envio do missionário passa a exigir alguns requisitos concretos aplicados à pessoa dele. O modo antigo da missão era simplesmente colocar o foco mais para fora – batismo do outro, bem-estar do outro, conversão do outro, enfim, melhorar o contexto da missão. Todos aqueles que não se encontravam no redil do cristianismo precisavam ser incluídos.

Na atualidade, o entendimento da missão é que a importância é dada também para a pessoa do missionário. Ele deve estar, em primeiro lugar, bem consigo mesmo, com seu conteúdo e com sua experiência de Deus, caso contrário há possibilidade de mais atrapalhar a missão do que contribuir para a evangelização. Nesse sentido, a dimensão da apreciação resgata a da mística, uma das vertentes missionárias que fundamenta toda a atividade missionária. No segundo texto, em João:

Pois Deus amou de tal forma o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele acredita não morra, mas tenha a vida eterna. De fato, Deus enviou o seu filho ao mundo, não para condenar o mundo, e sim para que o mundo seja salvo por meio dele. (Jo 3,16-17).

Aponta a outra dimensão do aspecto missionário, a atitude de **preocupação**. Encontramos um contraste, pois nesse texto o mundo não está nada bem, por isso Deus envia seu Filho para salvá-lo. Na atitude de preocupação, o foco não é o ser que está bem consigo mesmo, mas aquele que não está bem e pede ajuda consciente ou inconscientemente. Isso pode ser aplicado a contextos e realidades de natureza diferentes. A preocupação tenta ver o outro como destinatário da missão, como alguém que necessita de ajuda para erguer-se, portanto surge o conceito do envio ou saída do missionário.

Essa ação passou a ser caracterizada por “Cristo como centro da missão”. Jesus teve a formação e a experiência da antiga Aliança e foi anunciado pelas Escrituras; foi introduzido por João Batista, a partir do batismo, e chamado expressamente como o “enviado de Deus” (Jo 1,6).

A missão de Jesus deve ser enquadrada na perspectiva de que a missão é de Deus (*Missio Dei*) e de que foi enviado do Pai para cumprir à vontade d’Ele. Ao longo dos quatro evangelhos, encontramos as afirmações de Jesus sobre essa relação, vinculada com sua missão: “Quem vos recebe, a mim recebe, e quem me recebe, recebe aquele que me enviou” (Mt 10,40; Lc 10,16). Essa declaração é bastante significativa, porque sinaliza uma identidade entre a missão de Jesus e a dos discípulos.

Para acompanhá-lo nessa peregrinação, chamou seguidores, discípulos e apóstolos. Como afirma Suess (2007, p. 34):

A vocação exige uma mudança radical na vida das pessoas escolhidas. Pescadores que se tornaram missionários deixam de ser pescadores. Ao seguir Jesus, os discípulos sempre tiveram de deixar algo, que pode significar deixar tudo. Ao se tornar pescadores de homens e mulheres (cf. Mc 1,17), tudo o que aprenderam antes passa a ser apenas um referencial metafórico (cf. Lc 9,23ss). Foram convocados para renovar todo Israel. Também a escolha dos Doze aponta para essa intenção. A finalidade da vocação e da convocação é o envio e o anúncio do Reino messiânico a Israel.

A Páscoa e o Pentecostes mudaram o rumo da missão de forma drástica e definitiva. Perdidos e cheios de medo, os apóstolos, trancados numa sala, fizeram a experiência do Ressuscitado. Nesse encontro, Jesus desejou-lhes a paz e, logo em seguida, a partir da descida do Espírito Santo em forma de línguas de fogo, enviou-os ao apostolado na missão. Parece que foi nesse momento que nasceu a Igreja, com seu ímpeto, para todas as direções. A Igreja “nasceu em saída”, quando, orientada pelo Espírito, entrou em contato com os outros. A missão se tornou para ela participação na vida divina, pelo fato de ser enviada.

A IMPORTÂNCIA DO APOSTOLADO DOS CRISTÃOS LEIGOS NA VIDA DA IGREJA

O Decreto “*Apostolicam Actuositatem*” do Concílio Vaticano II (Paulo VI) de novembro de 1965, trata sobre a importância do apostolado dos leigos na vida da Igreja, derivada da própria vocação cristã, jamais poderá faltar na Igreja. A Sagrada Escritura demonstra abundantemente como foi espontânea e frutuosa a atividade do leigo no começo da Igreja.

E sendo próprio do estado dos cristãos leigos viver no meio do mundo e das ocupações seculares, eles são chamados por Deus para, cheios de fervor cristão, exercerem como fermento o seu apostolado no meio do mundo.

A espiritualidade dos leigos assume características especiais, conforme o estado de matrimônio e familiar, de celibato ou viuvez, situação de enfermidade, atividade profissional e social. Cultivando assiduamente as qualidades e dotes condizentes a essas situações, utilizando os dons por cada um recebido do Espírito Santo. O cristão leigo, que é simultaneamente fiel e cidadão, deve sempre guiar-se, em ambas as ordens, por uma única consciência, a cristã.

Os leigos com verdadeira mentalidade apostólica, à imagem daqueles homens e mulheres que ajudavam Paulo na propagação do Evangelho (At 18,18-20; Rm 16, 3), suprem o que falta a seus irmãos e revigoram o espírito dos pastores e dos outros membros do povo fiel (1Cor 16,17-18).

Os cristãos leigos realizam a missão da Igreja no mundo, antes de tudo, por aquela coerência da vida com a fé, pela qual se tornam luz do mundo; pela honestidade nos negócios, com a qual a todos atraem ao amor da verdade e do bem; pela caridade fraterna que, fazendo-os participar das condições de vida, dos trabalhos, dos sofrimentos e aspirações de seus irmãos; por aquela plena consciência da participação que devem ter na construção da sociedade. Assim, o seu modo de agir penetra pouco a pouco no meio de vida e de trabalho.

Para os leigos consagrados ao apostolado, existem muitos meios; sessões, congressos, colecções, exercícios espirituais, reuniões frequentes, conferências, livros, revistas para se conseguir um mais perfeito conhecimento da Sagrada Escritura e da doutrina católica, para alimentar a vida espiritual e ainda para conhecer o estado do mundo e para encontrar e cultivar métodos adaptados.

O Decreto “*Ad Gentes*”, do Papa Paulo VI, aprovado em 07 de dezembro de 1965, no Concílio Vaticano II trata sobre a atividade missionária. Retrata uma Igreja por natureza missionária, de origem segundo o desígnio do Pai, na missão do Filho e do Espírito Santo. Deus quis chamar os homens a participar da sua vida, não individual, mas constituindo-os num Povo onde os filhos dispersos, se congregassem em unidade.

Entendemos na atualidade que a Igreja, por natureza, é missionária. Como aponta Suess, que a partir do “ Vaticano II, a Igreja Católica redescobriu a sua natureza missionária em detrimento de uma compreensão territorial da missão, seu ser, em detrimento do seu ter” (2007, p. 22). Assim, na tentativa de equilibrar esses dois focos da missão, os missionários são convidados a compartilhar a missão no mundo, que é cheio do Espírito. A capacidade de aprender a manter o equilíbrio entre a apreciação e a preocupação é um elemento muito importante pois testemunha a vinda do reino. Tal equilíbrio pode ser ilustrado com diversas imagens: “porta para entrar e porta para sair” ou como aponta Jyothi Sahi (1995, p. 412), “espiritualidade introvertida e espiritualidade extrovertida. ”

A imagem da porta remete a duas funções: a de entrar e a de sair. A primeira apresenta a dimensão da **apreciação**, e a segunda, a da **preocupação**. Um olhar para dentro do próprio coração, da própria realidade; e outro olhar para fora, ao mundo exterior, ou seja, o outro e os contextos da missão. A imagem da espiritualidade introvertida aponta para a experiência de Deus, o bem-estar do missionário; já a da espiritualidade extrovertida é mais prática, preocupada com os trabalhos, tentando objetivar os sentimentos nas iniciativas humanitárias como ajudar os necessitados ou transformar a sociedade.

Destacamos ainda uma declaração do Decreto *Ad Gentes*, do Concílio Vaticano II, a qual corresponde a uma grande revolução na compreensão do conceito de missão: “A Igreja peregrina é missionária por natureza, porque tem sua origem na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio do Pai” (AG, n. 2). Sabemos que o cristianismo iniciou sua missão nos grandes centros urbanos do Império Romano, desde o primeiro século, e que o destino principal era Roma. O povo do campo – os pagani – que muitas vezes bem falou a língua franca do Império, o grego, e mais tarde o latim, tornou-se sinônimo de não batizados, de pagãos, de sincretismo religioso e atraso cultural. Os pagãos dos territórios conquistados não assimilaram facilmente a religião e a cultura do Império.

A palavra natureza, que, entre seus significados, pressupõe “essência”, pode se referir a ambas as realidades da missão: a Trindade e a Igreja, que são missionárias em seu cerne. Tratando essa essência em relação a Deus, ela é a própria essência de Deus, porque “este desígnio brota do ‘amor fontal’, isto é, da caridade de Deus Pai” (AG, n. 2). Em outras palavras, a missão é de Deus, porque Ele é cheio de amor, um amor que transborda, que se comunica, que sai de si já com a criação do mundo. Ele é visto como Verbo – atividade incessante.

Logo após o Concílio Vaticano II, diversos documentos foram apresentados na América Latina nas conferências dos Bispos da América Latina e Caribe, promovidas pelo Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM) – Medellín (1968), Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007). Cada documento procurou apresentar o conteúdo do Concílio conforme os contextos históricos dessa região.

A universalidade da missão apresentada na expressão *ad gentes* indica o mandato explícito de Jesus de anunciar a boa nova a toda a humanidade e a vontade de Deus de salvar todos os seres humanos. A compreensão do anúncio pressupõe duas vertentes: a primeira tem por alvo o povo eleito – os cristãos -, aqueles que aderiram à fé na pessoa de Jesus; a segunda é direcionada aos pagãos, principalmente aos que não conhecem a Jesus. A compreensão é que o propósito de toda missão é trazer o rebanho para a tradição cristã a partir do batismo.

Compreendemos a missão *ad gentes* como “missão aos povos”, relacionada à atividade missionária num contexto sociocultural de pluralidade das tradições religiosas. Os missionários sempre precisam se descolar enquanto vão para outras terras – podemos identificar isso como um movimento transcultural. Esse modo de realizar a missão está intimamente vinculado à natureza missionária da Igreja. De fato, a missão *ad gentes* contribui imensamente para sustentar a missionariedade eclesial, mas com o foco da dimensão universal da qual a Igreja se torna testemunha profética.

A missão *inter gentes*, por sua vez, traz uma nova percepção: teve origem no contexto da diversidade asiática. Esse conceito pressupõe que a missão cristã na Ásia é mais bem articulada como *missio inter gentes* do que *missio ad gentes*. A realidade da missão asiática se situa entre as grandes tradições religiosas, que são instrumentos do encontro salvífico de Deus com seus adeptos. Portanto, no contexto pluralístico das tradições, a missão é criar o Reino de Deus, estabelecendo a unidade não entre as religiões, mas entre as pessoas crentes. As outras religiões são companheiras contra as estruturas opressivas.

SÃO JOÃO PAULO II E OS LEIGOS

São João Paulo II, de cristão leigo órfão na Polônia a pastor da Igreja universal, um santo que tivemos a graça de vê-lo de perto, em Brasília.

Como disse Dijanira Silva (Comunidade Canção Nova) que ouviu uma senhora dizer: “João Paulo II é um santo vivo!”. Percorreu o mundo como “Mensageiro da paz”, “João de Deus” e o “Papa dos jovens”. Para nossa geração, jamais se apagou da lembrança de quem o viu de perto ou de longe. Hoje o mundo todo sabe que ele era mesmo “um santo vivo”, “um homem de Deus”, como ouvimos tantos dizerem.

Como não se lembrar do perdão concedido a *Ali Ağca*, homem que disparou um tiro contra ele na Praça São Pedro. Um homem que passou da formação clandestina à Cátedra de São Pedro, de ator à personalização da verdade.

João Paulo II no documento pós-sinodal, exortação apostólica *Christifideles Laici* (1988), sobre a vocação e missão dos leigos na igreja e no mundo, dirigida aos Bispos, Sacerdotes e diáconos, religiosos e às religiosas e a todos os fiéis leigos. Lembra o convite do Senhor Jesus no Evangelho: “Ide vós também para a minha vinha » (Mt 20, 1-2). E continua, desde esse longínquo dia, a fazer-se sentir ao longo da história: dirige-se a todo o homem que vem a este mundo.

A chamada não diz respeito apenas aos Pastores, aos sacerdotes, aos religiosos e religiosas, mas estende-se aos fiéis leigos: também os fiéis leigos são pessoalmente chamados pelo Senhor, de quem recebem uma missão para a Igreja e para o mundo. Lembra-o S. Gregório Magno que, ao pregar ao povo, comentava assim a parábola dos trabalhadores da vinha: «Considerai o vosso modo de viver, caríssimos irmãos, e vede se já sois trabalhadores do Senhor. Cada qual avalie o que faz e veja se trabalha na vinha do Senhor ».

O significado fundamental do Sínodo foi, conseqüentemente, o seu fruto mais precioso, que os fiéis leigos escutem o chamamento de Cristo para trabalharem na Sua vinha, para tomar parte viva, consciente e responsável na missão da Igreja, nesta hora magnífica e dramática da história, no limiar do terceiro milénio.

A Bíblia emprega a imagem da vinha de muitas maneiras e com diversos significados: ela serve particularmente para exprimir o mistério do Povo de Deus. Nesta perspectiva mais interior, os fiéis leigos não são simplesmente os agricultores que trabalham na vinha, mas são parte dessa mesma vinha: “Eu sou a videira, vós os ramos”, diz Jesus (Jo 15, 5).

Não é um exagero dizer-se que toda a existência do fiel leigo tem por finalidade levá-lo a descobrir a radical novidade cristã que promana do Batismo, sacramento da fé, a fim de poder viver as suas exigências segundo a vocação que recebeu de Deus. Para descrever a « figura » do fiel leigo, vamos agora considerar de forma explícita e mais direta, entre outros, três aspectos fundamentais: o Batismo regenera-nos para a vida dos filhos de Deus, une-nos a Jesus Cristo e ao Seu Corpo que é a Igreja, unge-nos no Espírito Santo, constituindo-nos templos espirituais.

A participação dos fiéis leigos no tríplice múnus de Cristo Sacerdote, Profeta e Rei encontra a sua raiz primeira na unção do Batismo, o seu desenvolvimento na confirmação e a sua perfeição e sustento dinâmico na Eucaristia. É uma participação que se oferece a cada um dos fiéis leigos, mas enquanto formam o único corpo do Senhor. Com efeito, é a Igreja que Jesus enriquece com os Seus dons, qual Seu Corpo e Sua Esposa. Assim, os indivíduos participam no tríplice múnus de Cristo enquanto membros da Igreja, como claramente ensina o apóstolo Pedro, que define os batizados como « raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo que Deus adquiriu » (1Pd 2, 9).

A dignidade do fiel leigo revela-se em plenitude quando se considera a primeira e fundamental vocação que o Pai, em Jesus Cristo por meio do Espírito Santo, dirige a cada um deles: a vocação à santidade, isto é, à perfeição da caridade. O santo é o testemunho mais esplêndido da dignidade conferida ao discípulo de Cristo.

Os fiéis leigos, precisamente por serem membros da Igreja, têm por vocação e por missão anunciar o Evangelho: para essa obra foram habilitados e nela empenhados pelos sacramentos da iniciação cristã e pelos dons do Espírito Santo.

A ação dos fiéis leigos, que, aliás, nunca faltou neste campo, aparece hoje cada vez mais necessária e preciosa. Na verdade, a ordem do Senhor « Ide por todo o mundo » continua a encontrar muitos leigos generosos, prontos a deixar o seu ambiente de vida, o seu trabalho, a sua região ou pátria, para ir, ao menos por um certo tempo, para zonas de missão.

No final do documento pós-sinodal *Christifideles Laici*, no último parágrafo, o Papa João Paulo II fez um apelo que se tornou uma oração à Virgem.

Ó Virgem Santíssima, Mãe de Cristo e Mãe da Igreja, com alegria e admiração nos unimos ao teu Magnificat, ao teu canto de amor reconhecido. Contigo damos graças a Deus, « cuja misericórdia se estende de geração em geração », pela maravilhosa vocação e pela multiforme missão dos fiéis leigos, que Deus chamou pelo seu nome para viverem em comunhão de amor e de santidade com Ele e para estarem fraternamente unidos na grande família dos filhos de Deus, enviados a irradiar a luz de Cristo e a comunicar o

fogo do Espírito, em todo o mundo, por meio da sua vida evangélica. Virgem do Magnificat, enche os seus corações de gratidão e de entusiasmo por essa vocação e para essa missão. Tu que foste, com humildade e magnanimidade, « a serva do Senhor », dá-nos a tua mesma disponibilidade para o serviço de Deus e a salvação do mundo. Abre os nossos corações às imensas perspectivas do Reino de Deus e do anúncio do Evangelho a toda a criatura. No teu coração de mãe estão presentes os tantos perigos e os muitos males que esmagam os homens e as mulheres do nosso tempo. Mas, estão presentes também as tantas iniciativas de bem, as grandes aspirações aos valores, os progressos feitos em dar abundantes frutos de salvação. Virgem corajosa, inspira-nos força de ânimo e confiança em Deus, para que saibamos vencer todos os obstáculos que encontramos no cumprimento da nossa missão. Ensina-nos a tratar as realidades do mundo com vivo sentido de responsabilidade cristã e na alegre esperança da vinda do Reino de Deus, dos novos céus e da nova terra. Tu que estiveste no Cenáculo com os Apóstolos em oração, à espera da vinda do Espírito de Pentecostes, invoca a Sua renovada efusão sobre todos os fiéis leigos, homens e mulheres, para que correspondam plenamente à sua vocação e missão, como vides da « verdadeira videira », chamados a dar « muito fruto » para a vida do mundo. Virgem Mãe, guia-nos e apoia-nos para vivermos sempre como autênticos filhos e filhas da Igreja do teu Filho e podermos contribuir para a implantação da civilização da verdade e do amor sobre a terra, segundo o desejo de Deus e para a Sua glória. Amém.

BENTO XVI: OS LEIGOS CORRESPONSÁVEIS PELO TRABALHO DA IGREJA

O Papa Bento XVI em mensagem por ocasião da 6ª Assembleia Ordinária do Fórum Internacional da Ação Católica, em agosto de 2012, destacou que os leigos também são responsáveis pelo trabalho da Igreja. “Essa responsabilidade requer uma mudança de mentalidade, em particular, sobre o papel do leigo na Igreja”, escreveu o Papa. “Eles não devem ser considerados como meros ‘colaboradores’ do clero, mas como pessoas verdadeiramente ‘corresponsáveis’ no trabalho da Igreja”, disse.

O Santo Padre disse que é importante que os leigos sejam bem formados e capazes de fazer “sua própria contribuição específica para a missão da Igreja, de acordo com os ministérios e tarefas em que cada um toma parte na vida da Igreja, e sempre em comunhão amigável com os bispos”.

Bento XVI encorajou os membros da Ação Católica a anunciar a mensagem de Cristo na linguagem do nosso tempo, que tem sido marcado por rápidas transformações sociais e culturais, chamando isso de “o grande desafio da Nova Evangelização”.

OS CRISTÃOS LEIGOS E O ANÚNCIO DO EVANGELHO NO MUNDO ATUAL

A Exortação Apostólica “*Evangelii Gaudium*”, do Papa Francisco, de novembro 2013, importantíssimo documento que retrata a alegria do Evangelho enchendo o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele e são libertos do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento.

Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para outros, já não entram os pobres, já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem. Todo cristão é convidado, em qualquer lugar ou condição que se encontre, a renovar o seu compromisso pessoal com Jesus Cristo, tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar. Quem arrisca, o Senhor não desilude, e, quando alguém dá um pequeno passo em direção a Jesus, descobre que Ele já o aguardava de braços abertos. Somente graças a esse encontro com o amor de Deus, que se converte em amizade feliz, é que somos resgatados da nossa consciência isolada. Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmo, a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro.

A ordem de Jesus é bem clara: “ Ide por todo mundo e pregai o Evangelho a toda a criatura” (Mc 16,15). Jesus é o primeiro e o maior evangelizador. Em qualquer forma de evangelização, o primado é sempre de Deus, que quis nos chamar para cooperar com Ele e nos impelir com a força do seu Espírito. A verdadeira novidade é aquela que o próprio Deus misteriosamente quer produzir, aquela que Ele inspira, aquela que Ele provoca, aquela que Ele orienta e acompanha de mil e uma maneiras. (Papa Paulo VI *Evangelii Nuntiandi* 1975).

Portanto a melhor maneira de se obedecer a vontade do Senhor é se colocando a caminho, indo ao encontro daqueles que precisam ouvir o anúncio da Boa Nova. A dinâmica do povo de Deus sempre foi a de se colocar a caminho, isso bem nos mostra o antigo testamento, quando vemos o exemplo de Abrão, Moisés, Jeremias e tantos outros que aceitaram o desafio do desbravamento, indo a terras distantes.

Nos dias atuais faz-se urgente o anúncio do Evangelho fora dos “muros das igrejas” como nos pede o Papa Francisco. É preciso ir ao encontro nas praças, nas ruas, nas longínquas localidades não só geográficas mais também nas existenciais, aonde a figura de Cristo muitas vezes não passa de um quadro pendurado em uma parede. E para tanto precisamos de missionários bem-dispostos, anunciando em primeiro lugar com sua alegria de viver e de servir, pois ninguém se anima em seguir aquele que se arrasta na missão como se ela fosse um fardo muito difícil de ser carregado. “Com obras e gestos, a comunidade missionária encurta distâncias e abaixa-se, se for necessário, até a humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo.” (Papa Francisco EG 24).

A evangelização está essencialmente relacionada com a proclamação do Evangelho àqueles que não conhecem Jesus Cristo ou que sempre O recusaram. Muitos deles buscam secretamente a Deus, movidos pela nostalgia do seu rosto, mesmo em países de antiga tradição cristã. Todos têm o direito de receber o Evangelho. Os cristãos têm o dever de anuncia-lo, sem excluir ninguém, e não como quem impõem uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível. A Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração. (Bento XVI, homilia eucarística de inauguração da V conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe). A vida do discípulo deve ser repleta da alegria do Evangelho, que leva ao encontro. O Papa Francisco nos fala no parágrafo 23 da EG: “Fiel ao modelo do Mestre, é vital que hoje a Igreja saia para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem demora, sem repugnâncias e sem medo. A alegria do Evangelho é para todo o povo, não se pode excluir ninguém”.

Para uma Igreja missionária capaz de chegar a todos, sobretudo, aos pobres e esquecidos, é preciso que haja uma reforma de suas estruturas. Na *Evangelii Gaudium*, afirma o Papa Francisco que se trata de “fazer com que todas as estruturas da Igreja se tornem mais missionárias; que a pastoral ordinária, em todas suas instâncias, seja mais expansiva e aberta; que coloque os agentes de pastoral em constante atitude de saída”. O critério específico para a reforma das estruturas da Igreja é a missão e não a sofisticação administrativa. Para o Papa, a “mudança das estruturas” (das caducas para as novas) não é “fruto de um estudo de organização do sistema funcional eclesial” (EG 25). O que derruba as estruturas caducas, o que leva a mudar os corações dos cristãos é justamente a o espírito missionário. Em lugar de uma missão proselitista e domesticadora, um processo de evangelização pautado pelo testemunho e o diálogo é condição para o anúncio do querigma.

Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco afirma que a inculturação é a analogia pastoral da encarnação do Verbo. Na verdade, esta é a base teológica do imperativo de uma evangelização como inculturação do Evangelho. O dom de Deus se encarna na cultura de quem o recebe, diz ele. Lembra que a Igreja, como Povo de Deus, se encarna nos povos da Terra e cada um deles tem sua própria cultura” (EG 115). Consequentemente, o Evangelho inserido e inculturado “num povo, no seu processo de transmissão cultural, também transmite a fé de maneira sempre nova. Daí a importância da evangelização entendida como enculturação” (EG 122).

No pronunciamento aos Bispos do CELAM, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude no Brasil, na perspectiva de João XXIII, o Papa Francisco fala da necessidade de uma Igreja-mãe, condição para uma Igreja mestra, que só se legitima quando respaldada pelo testemunho. A vocação e missão da Igreja começam, segundo o Papa, “pelo exercício da maternidade da Igreja, que se dá pelo exercício da misericórdia”.

Só a misericórdia gera, amamenta, faz crescer, corrige, alimenta, conduz pela mão... Por isso, faz falta uma Igreja capaz de redescobrir as entranhas maternas da misericórdia. Sem a misericórdia, temos hoje poucas possibilidades de nos inserir em um mundo de ‘feridos’, que têm necessidade de compreensão, de perdão, de amor (PAULINAS, São Paulo, p. 105).

No Brasil, falando aos Bispos do CELAM, o Papa Francisco pergunta:

[...] nós, Pastores, Bispos e Presbíteros, temos consciência e convicção da missão dos fiéis leigos e lhes damos a liberdade para irem discernindo, de acordo com o seu caminho de discípulos, a missão que o Senhor lhes confia? Apoiamos e acompanhamos, superando qualquer tentação de manipulação ou indevida submissão? Estamos sempre abertos para nos deixarmos interpelar pela busca do bem da Igreja e pela sua missão no mundo? (Documento de Aparecida, por Agenor Brighenti, Doutor em Teologia, PUCPR, Curitiba-PR, 2016)

Em muitos pronunciamentos de setores antagônicos à perspectiva libertadora, a vida consagrada era taxada de “magistério paralelo”, exigindo “comunhão” dos religiosos com seus pastores e exercício de sua missão, “sob” as orientações do bispo local. Esta postura desqualificadora da vida religiosa inserida nos meios populares, os censores também deixaram registrada no “texto oficial” do Documento de Aparecida. O “texto original” dizia que os religiosos realizem sua missão, “[...] em mútua relação com os pastores”. Os censores substituíram “mútua relação” por “autêntica comunhão” e acrescentaram: “sob sua orientação” (DAp nº. 223). Mostram também seu distanciamento com o testemunho das comunidades religiosas inseridas no meio dos pobres, acrescentando que, nesta inserção, “comunidades inteiras se secularizaram”.

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a bibliográfica, onde os dados utilizados na pesquisa foram pesquisados nos documentos da Igreja e consulta bibliográfica em artigos e livros. Foi utilizada a Bíblia, buscando a missão do Filho e do Espírito Santo, quando Deus quis entrar no mundo enviando o seu Filho, carne como a nossa carne, para ser o mediador entre Ele e os homens. E da parte do Pai, Jesus Cristo enviou o Espírito

Santo, descendo sobre os discípulos para ficar para sempre com eles, enviando-os para o apostolado na missão.

Buscamos nos documentos apostólicos, a missão no mundo do leigo; A importância do apostolado dos leigos na vida da Igreja, no documento *Apostolicam Actuositatem*, do Papa Paulo VI e a atividade missionária, no documento *Ad Gentes*, no Concílio Vaticano II. A vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo, no documento *Chistifileles Laici*, do Papa João Paulo II. A corresponsabilidade do leigo pelo trabalho da Igreja, na 6ª Assembleia Ordinária do Fórum Internacional da Ação Católica, do Papa Bento XVI e o Documento de Aparecida, na V Conferência Geral dos Bispos da América Latina e Caribe. Por fim, a alegria do Evangelho, no documento *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco.

Os dados coletados são documentais e de cunho narrativo, incluindo observações e comentários.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi Deus quem quis entrar na história dos homens, enviando o seu Filho, carne como a nossa e foi Jesus Cristo que enviou o Espírito Santo da parte do Pai. E em Pentecostes desceu sobre os discípulos para ficar para sempre com eles, mudando o rumo da missão, a Igreja “nasceu em saída”, orientada pelo Espírito, entrou em contato com os outros. Uma Igreja peregrina é missionária por natureza, porque tem sua origem na missão do Filho e do Espírito Santo. No Novo Testamento a missão é vista como envio, levando em conta que os apóstolos partiram para terras diferentes depois da experiência de Pentecostes para pregar a boa nova a todos os povos.

A importância do apostolado dos leigos na vida da Igreja, tratado no Decreto *Apostolicam Actuositatem* do Papa Paulo VI, onde a espiritualidade dos leigos assume características especiais, conforme o estado de matrimônio e familiar, de celibato ou viuvez, situação de enfermidade, atividade profissional e social. Os leigos realizam a missão no mundo, pelo exemplo, por aquela coerência da vida de fé; pela honestidade nos negócios; pela caridade fraterna; por aquela plena consciência da participação que devem ter na construção da sociedade.

E Jesus no alto da cruz nos deu como mãe “Filho eis aí a tua mãe”, para que fosse para todos os cristãos o modelo de missionária. Aquela que levou o Evangelho vivo em seu ventre e que depois O acompanhou na missão. Em Pentecostes ela estava

entre eles, os encorajando para levar a todos a Boa Nova do Seu Filho. A Virgem Maria é a mulher de fé, que vive e caminha na fé.

Foi no Decreto “*Ad Gentes*”, do Papa Paulo VI, no Concílio Vaticano II, que se tratou sobre a atividade missionária retratando uma Igreja missionária, “A Igreja peregrina é missionária por natureza, porque tem sua origem na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio do Pai” (AG, n.2).

João Paulo II no documento pós-sinodal, exortação apostólica *Christifideles Laici*, sobre a vocação e missão dos leigos na igreja e no mundo, dirigida aos Bispos, Sacerdotes e diáconos, religiosos e às religiosas e a todos os fiéis leigos. Lembra o convite do Senhor Jesus « Ide vós também para a minha vinha » (Mt 20,1-2) e continua, desde esse longínquo dia, a fazer-se sentir ao longo da história: dirige-se a todo o homem que vem a este mundo.

O Papa Bento XVI destacou que os leigos também são responsáveis pelo trabalho da Igreja. “Essa responsabilidade requer uma mudança de mentalidade, em particular, sobre o papel do leigo na Igreja”, escreveu o Papa. “Eles não devem ser considerados como meros ‘colaboradores’ do clero, mas como pessoas verdadeiramente ‘corresponsáveis’ no trabalho da Igreja”. É importante que os leigos sejam bem formados e capazes de fazer “sua própria contribuição específica para a missão da Igreja, de acordo com os ministérios e tarefas em que cada um toma parte na vida da Igreja, e sempre em comunhão amigável com os bispos”.

Papa Francisco na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, tratou da alegria do Evangelho que enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Todo cristão é convidado, em qualquer lugar ou condição que se encontre, a renovar o seu compromisso pessoal com Jesus Cristo, tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de O procurar dia a dia sem cessar.

A dinâmica do povo de Deus sempre foi a de se colocar a caminho, mostrado no Antigo Testamento, com Abraão, Moisés, Jeremias e tantos outros que aceitaram o desafio, indo a terras distantes. O Papa Francisco nos pede que é preciso ir ao encontro nas praças, nas ruas, nas longínquas localidades não só geográficas mais também nas existenciais, aonde a figura de Cristo muitas vezes não passa de um quadro pendurado na parede. Precisamos de missionários bem-dispostos, anunciadores, em primeiro, lugar com sua alegria de viver e de servir. Para uma Igreja missionária ser capaz de chegar a todos, sobretudo, aos pobres e esquecidos, é

preciso que haja uma reforma de suas estruturas para que os cristãos leigos e leigas vivam seu protagonismo como ação de uma verdadeira Igreja em saída.

À Maria Santíssima mãe do Evangelho vivente, pedimos a sua intercessão a fim de que este convite para uma nova etapa da evangelização seja acolhido por toda a comunidade eclesial. Ela é a mulher de fé, que vive e caminha na fé. Hoje fixamos n'Ela o olhar, para que nos ajude a anunciar a todos a mensagem de salvação e para que os novos discípulos se tornem operosos evangelizadores.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Joachim. **Fundamentos e Apontamentos de Missiologia. Trilhando caminhos de missão.** Curitiba, PR, Brasil. 2019

BRIGHENTI, Agenor. **The Document of Aparecida: The original text, the official text, and Pope Francis.** Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR, Brasil. 2016.

CANÇÃO NOVA - <https://noticias.cancaonova.com/papa/leigos-tambem-sao-responsaveis-no-trabalho-da-igreja-diz-papa>. 2012

FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium – A Alegria do Evangelho: Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual.** Exortação Apostólica. Documentos Pontifícios. 2013

PAULO II, Papa João. **Christifideles Laici - sobre vocação e missão dos leigos na igreja e no mundo.** Exortação apostólica pós-sinodal (vatican.va). 1988

SAHI, J. *Search for the Spiritual in Art in the Context of Inter – Faith Harmony.* In: Mataji, V. (Ed.). **Shabda Shakti Sangam.** Rishikesh: Jeevan – Dhara SadhanaKutir, 1995. P. 409-412.

SUESS, P. **Evangelizar a partir dos projetos históricos dos outros:** ensaio de Missiologia. São Paulo: *Paulus*, 1995.

VATICANO II. Decreto Apostolicam Actuositatem. **Sobre o Apostolado dos Leigos.** *Vatican. Apostolicam Actuositatem (vatican.va)*. 1965

VATICANO II. Decreto *Ad Gentes*. **Sobre a Atividade Missionária da Igreja.** *Vatican. Ad gentes (vatican.va)*. 1965

SIGLAS

1Cor – Primeira Carta aos Coríntios

1Pd – Primeira Carta de São Pedro

AG – Decreto *Ad Gentes*

At – Atos dos Apóstolos
CEBs – Comunidades Eclesiais de Base
CELAM – Conselho Episcopal Latino-americano
Cl – Carta aos Colossenses
Dap – Documento de Aparecida
EG – Encíclica *Evangelii Gaudium*
Fl – Carta aos Filipenses
Gn – Gênesis
Jo – Evangelho de São João
Lc – Evangelho de São Lucas
Mc – Evangelho de São Marcos
Mt – Evangelho de São Mateus
Rm – Carta aos Romanos